

Apostar contra o Brasil tem sido atividade favorita de alguns economistas do Deutsche Bank, especialmente quando os negócios vão mal noutros mercados. Pela segunda vez neste ano, o banco emitiu uma nota, ontem, para esclarecer sua posição quanto à economia brasileira, num esforço para compensar os estragos – para a reputação do banco – produzidos por comportamento a-ético de funcionário seu. Segundo a nota, “a situação brasileira é muito mais sólida e com fundamentos muito mais fortes que a da Rússia”.

No dia anterior, o chefe do Grupo de Pesquisa de Mercados Emergentes do banco, David Folkerts-Landau, havia declarado que, se o Brasil for forçado a fazer um programa de ajuste com o Fundo Monetário Internacional (FMI), certamente dará um calote como acaba de fazer a Rússia. Segundo o economista, o Brasil teve uma significativa deterioração na sua situação interna e externa, com drástica mudança nas perspectivas de financiamento externo. A especulação sobre o risco foi longe, com o economista apontando possíveis dificuldades na montagem de uma ajuda internacional ao País no caso de uma crise. Esses comentários foram feitos numa entrevista coletiva por meio eletrônico, num dia já turbulento por causa dos problemas na Rússia.

Comentários desse mesmo tipo foram feitos por outro funcionário do Deutsche Bank, no começo do ano, em Davos, na Suíça, durante reunião do Fórum Econômico Mundial. Kenneth Courtis, economista com responsabilidade pela estratégia para mercados da Ásia, apontou o Brasil como próximo país a entrar em crise. Naquele momento, o banco estava perdendo dinheiro nos mercados do Extremo Oriente, assim como vem perdendo, agora, na Rússia.

A conexão entre problemas em certos mercados e previsões tenebrosas sobre a economia brasileira pode ser mera coincidência, mas há interpretações diferentes no mercado financeiro. Uma grande baixa dos títulos brasileiros poderia proporcionar bons ganhos a quem comprasse agora os papéis – permitindo, talvez, compensar parcialmente alguma perda noutro mercado. Além disso, desviar as atenções para uma grande economia latino-americana poderia – há quem considere essa hipótese – reduzir as pressões sobre outras áreas em crise.

Explicações como estas são hipotéticas, naturalmente, pois ninguém pode penetrar na consciência



dos economistas desse ou de outro grande banco internacional. Mas é possível tratar de dados objetivos. O primeiro deles é a própria semelhança das duas situações, a de agora e a do início do ano. O segundo é o fato de que alguém errou na avaliação dos mercados, subestimando riscos de perdas. O julgamento de Landau sobre a Rússia, no final de julho, é um exemplo de erro de diagnóstico que só a incompetência profissional explica. Tudo o que ele pre-

viu aconteceu exatamente o contrário. A desvalorização, a moratória, o calote da dívida pública e a reação dos governos do Primeiro Mundo contrariaram todas as suas previsões.

Pelo menos tão notável quanto isso foi o contraste entre as suas declarações e o estudo preparado pelo banco para um boletim sobre a América Latina. Segundo esse estudo, estrangeiros são credores de menos de 4% da dívida pública interna. Na descrição de Landau, a participação dos estrangeiros como credores desse débito é muito maior, cerca de 25%. De acordo com o relatório, “o Brasil tem instrumentos suficientes para defender sua moeda, assim como capacidade para rolar sua dívida

interna”. O estudo envolve o exame de grande soma de informações sobre a situação financeira do governo e sobre a atuação das autoridades. “Depois de traçar o perfil da dívida interna, da administração econômica confiável e da política monetária potencial, concluímos que desvalorização e inadimplência não estão entre as perspectivas próximas do Brasil”, escreveram os autores do trabalho. O documento é datado de 24 de agosto.

Nenhuma pessoa razoavelmente informada e politicamente desengajada nega a existência de problemas no Brasil, mas pessoas honestas e razoáveis tendem a pesar o maior número possível de

fatos relevantes antes de dar uma opinião. Relatórios como o do dia 24 exibem essa qualidade, analisando, por exemplo, as últimas decisões do Banco Central para facilitar o movimento de capitais. É no mínimo preocupante que um alto funcionário do maior banco europeu menospreze esses dados e se entregue a especulações numa conferência internacional. Preocupante é uma palavra diplomática.

Opiniões irresponsáveis sobre a economia brasileira alimentam a especulação